

O MEU MENINO JESUS

Isabel Pereira de Leite

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
CITCEM



O meu Menino Jesus é muito especial para mim.

Conheci-O em casa de meus Pais. Já vivia com a nossa Família desde o séc. XVIII.

Lindo, vestido de seda e rendas que já passaram por um ou dois restauros, sorri, de braços abertos e olhos brilhantes. Os caracóis são escuros e a pele clara, macia e luminosa.

Hoje, mais de meio século volvido, está em minha casa, no meu quarto.

O tom da sua pele que, durante a minha tenra infância, não podia ser outro aos meus olhos, cedo, porém, começou a levantar-me algumas interrogações. Sobretudo quando, um belo dia, chegou a casa de meus Pais uma pequena escultura em madeira escura.

Era a Virgem. A Mãe do Menino, tão diferente dele, era claramente negra. Esbelta, de maçãs do rosto salientes, olhos baixos, cabelos cobertos por um manto comprido, mãos juntas em prece, vinha de Moçambique, de onde haviam regressado uns Tios meus. Isto vim eu a saber mais tarde.

Tenho uma vaga ideia do dia em que pensei que era estranho Mãe e Filho estarem separados. A Mãe na saleta, numa prateleira da estante cheia de livros; o Filho no oratório, no hall de entrada, na companhia de anjos em marfim e de pequenas figuras em madeira policromada.

Era injusto! Injusto para ambos! Nenhuma Mãe deve ser separada do Filho recém-nascido. Ela própria lhe é essencial. Também ele sabe isso. Não só o sabe, como também o sente.

Se há questões intrigantes para uma criança, os adultos têm de ter respostas, nem que as respostas suscitem novas perguntas. Os adultos sabem sempre tudo...

“Ó Mãe, por que é que o Menino Jesus e a Nossa Senhora não estão juntos?”

Não me lembro da resposta. Claro que esteticamente não ficava bem. Como ainda hoje não ficaria. Mas, se essa pergunta requereu uma resposta bem pensada, como

com certeza foi dada, outras obrigaram, ao longo de alguns anos, minha Mãe a verdadeiramente parar para pensar.

Foi o que aconteceu quando, algum tempo depois, lhe perguntei:

“Ó Mãe, esta Nossa Senhora é preta, mas a que está na sala com o Menino Jesus ao colo é branca, como as outras todas. Não percebo!”

A resposta, lembro-me bem dela, veio, demorada:

“Nossa Senhora pode ser branca, pode ser preta e pode ser de outras cores.”

“Então o Menino Jesus também pode, Mãe?”

“Pode, pois!”

Ah! O problema é que até então eu nunca vira o Menino Jesus senão branquinho, rosado, fosse onde fosse que estivesse; mesmo nos livros de arte tão bonitos que eu abria com gosto, ao som de um “Cuidado, menina!”, repetido vezes e vezes.

Há coisas que guardamos na memória. As minhas tatuagens da infância e dos anos que imediatamente se lhe seguiram são poucas. Sei que falava pelos cotovelos e que estava sempre com perguntas (e respostas) na ponta da língua.

Também me lembro do deslumbramento que foi para mim aprender a ler. A maior de todas as conquistas! Ia ficar a saber tudo! Até que enfim!!!

Claro que quanto mais aprendia, mais dúvidas e interrogações se me punham. Era um pouco perturbador.

Hoje, se há algo de que esteja mesmo convencida é de que se vive mais e melhor se estivermos atentos e em permanente questionamento. Por um lado, ao constatarmos a solidez dos nossos alicerces, como foi e vai acontecendo comigo, conseguimos estar melhor no Mundo. Por outro, apercebemo-nos mais facilmente da relatividade das coisas: o que nos parece importante, afinal nem o é... Mais, ainda! Acabamos por ter a noção de que cada vez sabemos menos, apesar das experiências que vamos somando ao longo da vida e do que vamos aprendendo.

Mas, voltando à Virgem e ao Menino: aquela aparente contradição passou, um dia, já bem mais tarde, a fazer, para mim, todo o sentido.

Na verdade, o Menino Jesus não tem cor. Cada um o representa à sua imagem; conforme o vê. Não é Ele universal? Encarnou como Homem de todas as raças, de todas as cores. Aliás, jamais a Criança de Belém poderia ter sido branca. Cada imaginário se apoderou desse Menino como entendeu. Na minha ideia, até ter começado a perceber o verdadeiro significado do Nascimento, o Menino Jesus era branco.

Por acaso. Porque nasci onde nasci e fui crescendo onde cresci, o meu Menino Jesus, Aquele para o qual todos os dias olho, é branco. Por acaso. Só por acaso.

Porto, 30 de novembro de 2011